



DO PALCO AO TÚMULO: COMPREENSÕES SOBRE MORTES DE FISCULTURISTAS EM COBERTURAS JORNALÍSTICAS

FROM THE STAGE TO THE GRAVE: UNDERSTANDINGS OF BODYBUILDER DEATHS IN NEWS COVERAGE

DEL ESCENARIO A LA TUMBA: COMPRENSIÓN DE LAS MUERTES DE CULTURISTAS EN LA COBERTURA DE NOTICIAS

Eduardo Pinto Machado


<https://orcid.org/0000-0002-1137-8442> 


<http://lattes.cnpq.br/8552961506497395> 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS – Brasil)

eduardo.machado@ufrgs.br

Alan Camargo Silva

<https://orcid.org/0000-0003-1729-5151> 

<http://lattes.cnpq.br/0220960603229593> 

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)

alancamargo10@gmail.com

Resumo

O presente estudo objetivou compreender como especificamente os jornais e revistas online abordam a morte de fisiculturistas. A partir de uma pesquisa documental, houve a análise de conteúdo de 22 reportagens publicadas entre os anos de 2015 e 2021. Os resultados indicaram que as notícias abordam a utilização indevida ou exacerbada de anabolizantes, sugerem uma aproximação entre os atletas e os praticantes comuns de atividade física no que se refere ao uso dos produtos e, por fim, culpabilizam os fisiculturistas mortos pelas supostas "bombas". Conclui-se que as enunciações midiáticas indicam um tipo ideal e moral de "viver" e "morrer" dos fisiculturistas, o que leva uma forma de construção social sobre esse esporte, a partir de certos preconceitos, discriminações ou estigmas que colocam em xeque a pluralidade de "ser corpo" e as próprias normas de beleza ou de saúde das sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: Morte Súbita; Esportes; Anabolizantes; Fisiculturismo; Meios de Comunicação de Massa; Antropologia.

Abstract

This study aimed to understand how online newspapers and magazines addresses the death of bodybuilders. From a documental research, there was a content analysis of 22 reports published between the years 2015 and 2021. The results indicated that the news addresses the misuse or exacerbated use of anabolic steroids, suggesting an approximation between the athletes and common practitioners of physical activity regarding the use of the products and, finally, they blame the dead bodybuilders for the supposed "juices". It is concluded that the media enunciations indicate an ideal and moral type of "live" and "die" for bodybuilders, which leads to a form of social construction about this sport, based on prejudices, discriminations or stigmas that call into question the plurality of subjectivities and the very standards of beauty or health of contemporary societies.

Keywords: Death Sudden; Sports; Anabolic Agents; Bodybuilding; Mass Media; Anthropology.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo comprender específicamente cómo los periódicos y revistas virtuales abordan la muerte de los culturistas. A partir de una investigación documental, se realizó un análisis de contenido de 22 informes publicados entre los años 2015 y 2021. Los resultados indicaron que la noticia aborda el uso indebido o exacerbado de los esteroides anabólicos, sugiriendo una aproximación entre los atletas y practicantes comunes de actividad física respecto al uso de los productos y, finalmente, culpan a los culturistas muertos por las supuestas



"papas". Se concluye que los enunciados mediáticos señalan un tipo ideal y moral de "vivir" y "morir" para los culturistas, lo que conduce a una forma de construcción social sobre este deporte, basada en ciertos prejuicios, discriminaciones o estigmas que colocan en duda la pluralidad de "ser un cuerpo" y los propios estándares de belleza o salud de las sociedades contemporáneas.

Palabras clave: Muerte Súbita; Deportes; Anabolizantes; Culturismo; Medios de Comunicación de Masas; Antropología.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

A morte caracteriza-se por um fenômeno biológico, histórico-político e sociocultural (RODRIGUES, 2017). Assim, o "morrer" não se constitui apenas pelo que grande parte da sociedade ocidental contemporânea entende como a "finitude da vida": a interrupção do funcionamento dos elementos físico-orgânicos do corpo. A ideia de morte precisa ser desnaturalizada a partir das condições bio-psico-sociais (MAUSS, 2015). Isso se justifica principalmente por causa da sua atual e hegemônica conotação negativa ou sombria e, na maioria das vezes, exclusivamente aceita a partir do seu caráter acidental (KÓVACS, 1992; SILVA, 2019).

Desse modo, considerando que a morte pode se tornar um tabu e de difícil compreensão/aceitação em diferentes sociedades (ELIAS, 2001), argumenta-se sobre a necessidade de investigar e debater esse tema especificamente no campo da mídia esportiva, como um acontecimento jornalístico (CRUZ, 2008). Em termos gerais, o esporte da mídia caracteriza-se pela interlocução dos interesses de diferentes atores sociais e meios de comunicação (BETTI, 2001). Dessa forma, com base em Briggs e Burke (2016), parte-se do pressuposto que televisão, rádio, revista, jornal e outras tecnologias de informação ou mídias digitais que abordam o esporte desenvolvem-se a partir das intenções imediatas, estratégias e táticas dos comunicadores que se relacionam ao contexto no qual operam e as mensagens que transmitem.

Ante o exposto, destaca-se que o fisiculturismo amador ou profissional pode ser considerado um esporte que objetiva desenvolver ou transformar o tamanho, forma, simetria, definição e qualidade estética do físico. Na maioria das vezes, o desempenho nessa modalidade esportiva, independente da categoria, requer principalmente a combinação do treinamento de força associado à nutrição e ao uso de medicamentos (MACHADO, 2020), além de adotar práticas nutricionais e farmacológicas ainda pouco estudadas pela ciência (MALLMANN; ALVES, 2018). Além disso, há um conjunto de rotinas sacrificantes, que aqui denominamos de práticas bioascéticas (MACHADO; FRAGA, 2022). São exemplos de tais





práticas os momentos em que o fisiculturista altera sua alimentação a ponto de passar fome, passar sede ou até mesmo a ponto de saturar o corpo com alimentos específicos, objetivando atingir alguma modificação corporal, uma espécie de exercício de *bodydesigner* de si mesmo (MACHADO, 2020).

Embora os praticantes e atletas de fisiculturismo demonstrem uma aparente vitalidade, beleza, desempenho e saúde, a mídia reporta eventualmente casos de óbitos de jovens que praticam esse esporte. Pode-se considerar, inclusive, que o próprio esporte de alto rendimento não pode ser relacionado diretamente à saúde (SILVA et al., 2010). No plano do senso comum, por vezes, há um discurso que apresenta o esporte como sinônimo (ou modelo) de provedor da saúde, porém tal narrativa pode ocultar uma realidade contraditória. A prática do treinamento do esporte de alto rendimento faz com que o atleta atinja o máximo de seus limites físicos e psicológicos, impactando diretamente na saúde dos atletas (VIANA; MEZZARROBA, 2013), como no fisiculturismo. Ainda que haja uma produção discursiva de uma “boa alimentação” e “prática de exercícios físicos” no referido esporte, há um submundo “clandestino” de abuso de recursos ergogênicos (MACHADO, 2020).

A produção de conhecimento acerca da morte súbita no esporte desenvolve-se eminentemente a partir de estudos quantitativos pautados na universalidade da racionalidade biomédica (WASFY et al., 2016; ALMEIDA et al., 2021). Destarte, pesquisas que investigam o “morrer” no cenário do fisiculturismo pelos referenciais teórico-metodológicos da Antropologia permitem compreender como determinados grupos sociais de dentro e de fora desse esporte concebem a vida e os riscos inerentes àquilo que praticam. Em segundo lugar, investigações qualitativas sobre como as mortes de fisiculturistas se tornam foco de reportagens da mídia revela representações de como tal esporte vem sendo compreendido pela sociedade. Por fim, argumenta-se que estudar as enunciações midiáticas sobre os falecimentos de fisiculturistas significa trazer à tona possíveis preconceitos, discriminações e estigmas que atravessam singularmente a vida dos praticantes.

Nesse contexto, destaca-se que o presente estudo objetivou compreender como especificamente os jornais e revistas online abordam a morte de fisiculturistas.

INSPIRAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA A PARTIR DE UM CASO JORNALÍSTICO

Brevemente, pode-se lembrar de um caso: no campeonato de fisiculturismo Arnold Classic Australia de 2017, o atleta profissional de 26 anos de idade Dallas McCarver passou mal





em sua rotina de confrontos com os adversários. Ele já estava passando por uma infecção respiratória, que se transformou em uma bronquite em meio à época de finalização para a competição, momento no qual o sistema imunológico fica comprometido devido às práticas bioascéticas adotadas pelos atletas (MACHADO, 2020). Após 20 horas de viagem entre Estados Unidos e Austrália, Dallas McCarver chegou para a competição em péssimo estado de saúde, depletado de carboidratos, desidratado, mas com o “físico impecável” pelas lentes daqueles que vivenciam o esporte. Sobre o palco, ao fazer um giro para ficar de costas para os árbitros e exibir sua região posterior do corpo para avaliação, ele perdeu o equilíbrio e um colaborador do evento, que estava no backstage, surgiu às pressas para impedir sua queda ao chão. Naquele momento, ele foi retirado da competição devido ao mal-estar e, depois de alguns dias, veio a óbito.

O atleta Dallas McCarver era treinado por Chad Nichols, um guru do fisiculturismo que em seu cartel possui diversas vitórias e vários campeões. Do mesmo modo que Chad possui sucesso no meio, também é detentor de infortúnios. Diversos atletas que se submeteram às preparações de Chad precisaram de transplantes de órgãos, tiveram que abandonar o esporte ou vieram a óbito. Com Dallas não foi diferente: dias depois do ocorrido no Arnold Classic Austrália, seu amigo e também fisiculturista Josh Lenartowicz, ao chegar em casa, deparou-se com Dallas caído no chão da cozinha, desacordado e engasgado com comida na garganta. Josh procedeu com as manobras de reanimação, retirou a comida que o engasgava e chamou os paramédicos. Quando o socorro chegou, Dallas já estava morto.

Há suspeitas que Dallas havia utilizado insulina pouco antes do mal súbito, sofrendo uma crise hipoglicêmica e indo desesperadamente à cozinha buscar algum alimento para elevar a glicemia do sangue. Entretanto, ao consumir o alimento, seu sistema nervoso e gastrointestinal já estava colapsado, o que gerou um engasgo com o alimento e a posterior morte por asfixia.

Três semanas após sua morte, o relatório da autópsia de Dallas foi divulgado. Detectou-se a existência de uma cardiomegalia grave, comum entre usuários de esteroides anabolizantes e hormônio do crescimento. A fim de ter uma ideia da proporção da cardiomegalia, seu coração pesava cerca de 833 gramas, sendo que o coração de um homem da mesma altura de Dallas deveria pesar cerca de 300 gramas. Além da hipertrofia do coração, Dallas possuía rins e fígado aumentados. A causa do falecimento atestada em laudo foi de “evento cardíaco agudo não testemunhado”.





Muitas reportagens veiculadas na mídia sobre a morte de Dallas o relacionavam ao que se chama de um “abusador de hormônios”: sujeitos que utilizam altas doses de esteroides anabolizantes e hormônios peptídicos, com fins de hipertrofia muscular. Tais reportagens estavam sempre envoltas em um discurso terrorista, ao estilo “não utilize anabolizantes, pois eles matam!”. Entretanto, se tais medicamentos são tão deletérios, por que a cada dia mais sujeitos atletas e não-atletas estão submetidos à administração destes? Registra-se, portanto, um tema de relevante análise.

A partir deste fatídico acontecimento, emerge a problematização deste estudo: quais são os modos de endereçamento das reportagens sobre mortes de fisiculturistas veiculados em alguns grupos de comunicação brasileiros? Assim, esse trabalho assume alguns referenciais antropológicos como ponto de partida teórico-metodológico. Mais precisamente, essa pesquisa se ancora na clássica ideia de construção sociocultural de corpo/ morte de Mauss (2015) e de risco de Le Breton (2009). Logo, entende-se aqui que aprofundar como a mídia enuncia as mortes de fisiculturistas pode revelar representações sobre corpo-pessoa-sociedade fundamentais não somente para compreender valores e práticas particulares das instituições esportivas, como também expressões socioculturais referentes aos rituais de (não) cuidado diante do inevitável e imprevisto “fim da vida”.

DECISÕES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa ancora-se na abordagem teórico-metodológica interpretativista da sociologia fenomenológica em que inspira nas noções de indexicalidade e reflexividade, isto é, no significado de um enunciado em dado contexto e o que potencialmente gera em determinada realidade (SCHWANDT, 2006). No caso aqui, refere-se ao conjunto de palavras, termos e expressões sobre as mortes de fisiculturistas das coberturas jornalísticas que engendra simbolicamente parte da realidade do cenário desse esporte.

Para a composição do universo empírico, optou-se por uma varredura do material jornalístico utilizando o maior e principal buscador da atualidade (Google) nos meses de maio, junho e julho de 2021 para identificar como a mídia tematizava as mortes de fisiculturistas. O presente estudo apresentou ênfase na identificação de reportagens sobre a temática com base nos descritores “morte” *and* “fisiculturismo”. Essa escolha se deu por pressupor que muitos praticantes de musculação não se configuram como atletas de fisiculturismo.





Como critério precípua de inclusão, a reportagem deveria apresentar uma relação da morte do atleta a práticas bioascéticas tidas como “radicais” e “arriscadas” (MACHADO, 2020) realizadas pelo fisiculturista falecido. Outro critério de inclusão foi a seleção de notícias publicadas principalmente em jornais e revistas online brasileiros a fim de identificar como parte da mídia nacional constrói a imagem dos atletas dessa modalidade no país, embora tenha emergido um conjunto de notícias em outro idioma. Ambos os critérios supracitados atenderam aos critérios documentais delineados por Bardin (2006): acesso, exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Por fim, a busca do corpus de análise estabeleceu-se a partir do ano de 2015 com o intuito de verificar a atualidade do que vem sendo compartilhado nas reportagens.

Como critérios de exclusão, devido à pandemia de Covid-19, foram detectados inúmeros casos de fisiculturistas que morreram devido a tal doença. Assim, as publicações sobre as mortes de fisiculturistas por causa dos agravos do coronavírus não foram consideradas dentro do escopo da varredura. Além disso, foram excluídas também as mortes relacionadas aos crimes passionais ou decorrentes de confusões (brigas) em situações da vida cotidiana.

No total, foram obtidas 57 publicações. Após realizar a leitura de todas as reportagens na íntegra com base nos critérios de inclusão e exclusão, restaram, ao todo, 22 notícias para análise. Tais materiais jornalísticos foram tratados sob a perspectiva da análise documental. Cellard (2012) aponta que uma das fontes de documentos pode ser arquivos particulares de instituições, ou até mesmo de sujeitos, ou elementos publicados eletronicamente na rede mundial de computadores, como é o caso deste estudo; de modo que tais arquivos podem ser registros, correspondências, atas, diários, comunicados, entre outros. Para Cellard (2012, p. 296, grifo do autor), “de fato, tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou ‘fonte’ [...]”.

Destaca-se que foi elaborado um quadro para o desenvolvimento da análise documental. Basicamente, o quadro apresenta a identificação das reportagens analisadas, contendo fonte autora (veículo de comunicação que publicou o fato), nome do atleta e o ano do ocorrido. Ao longo dessa organização e sistematização dos dados, foi delineada a análise de conteúdo temática de Turato (2011) que permitiu a elaboração de categorias. Registra-se que uma única reportagem pode apresentar atravessamentos analíticos de mais de uma categoria.





Ressalta-se ainda que houve a triangulação de perspectivas dos pesquisadores em todas as etapas do estudo (FLICK, 2004). Tal estratégia aumenta o rigor metodológico da pesquisa qualitativa ao (re)situar determinadas subjetividades (DENZIN; LINCOLN, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o processo de compreensão de como especificamente os jornais e revistas online abordavam a morte de fisiculturistas, emergiram as seguintes categorias com base no Quadro 1 abaixo: a) Tensões entre suspeitas e confirmações de utilização de anabolizantes: o “indevido” e o “excesso”; b) Malefícios das “bombas” como “exemplo de risco” para praticantes comuns de atividade física; c) Culpabilização pela fatalidade e suposta negligência do fisiculturista usuário de anabolizantes. Com base em Turato (2011), tais categorias foram articuladas pela menção reiterada aos anabolizantes e diferenciaram-se por expressões textuais que as distinguiam em seus conteúdos: categoria a) causa mortis; categoria b) efeitos e repercussões sociais; categoria c) possíveis impactos nos usuários.

Quadro 1 – Reportagens sobre morte de fisiculturistas entre 2015 e 2021

VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	NOME DO(A) FISCULTURISTA	DATA DA PUBLICAÇÃO
www.tvefamosos.uol.com.br	Odalis Mena	15/07/2021
www.entretenimento.r7.com	Andy Raman	23/03/2021
www.memoriascinematograficas.com.br	Reg Lewis	23/02/2021
www.esporte.ig.com.br	Daniel Alexander	30/10/2019
www.sportbuzz.uol.com.br	Bem Harnett	20/09/2019
www.clubenoticia.com.br	Caio Silveira	15/10/2018
www.atarde.uol.com.br	Rodolfo Roja	23/10/2017
www.infobae.com	Nasser El Sonbaty	17/09/2017
www.bandab.com.br	Juliano Tibes	11/09/2017
www.torcedores.com	Dallas McCarver	26/08/2017
www.esportefera.com.br	Dallas McCarver	23/08/2017
www.gazetaonline.com.br	Dallas McCarver	23/08/2017
www.br.blastingnews.com	Dallas McCarver	23/08/2017
www.jc.ne10.uol.com.br	Megan Heeford	16/08/2017
www.acritica.net	Francislaine Souza	29/05/2017
www.folhavoria.com.br	Mateus Ferraz	28/09/2016
www.diariodepernambuco.com.br	Mateus Ferraz	28/09/2016
www.jornaldebrasil.com.br	Mateus Ferraz	28/09/2016





www.correio24horas.com.br	Fernanda Gutilla	01/07/2016
www.jornaldotocantins.com.br	Alicia Costa	07/03/2016
www.ibahia.com	Andrej Gajdos	23/09/2015
www.cidadeverde.com	Dean Wharmby	22/07/2015

Fonte: construção dos autores.

Em termos gerais, foi possível observar que o processo de categorização do corpus de análise apontou enunciações midiáticas acerca do falecimento de fisiculturistas associado essencialmente aos usos ou abusos de anabolizantes. Com o intuito de compreender os óbitos de fisiculturistas pelas lentes jornalísticas, partiu-se da ideia de Silva (2017) em que consumir anabolizantes significa desenvolver um sentimento de coletividade e, sobretudo, inserir-se corporalmente no mundo.

Assim, em primeiro lugar, cabe apontar a categoria “Tensões entre suspeitas e confirmações de utilização de anabolizantes: o ‘indevido’ e o ‘excesso’”. Esta categoria refere-se às causas dos óbitos ausentes ou “deixadas no ar” em que as “bombas” emergem no texto jornalístico. Isso pode ser visto nas seguintes notícias, por exemplo:

Manchete: “Tragédia no esporte! Multicampeão de fisiculturismo morre aos 30 anos”

Chamada: “Causa da morte de Daniel Alexander não foi confirmada, mas um fã do atleta deixou uma possibilidade no ar.”

Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/maisesportes/2019-10-30/tragedia-no-esporte-multicampeao-de-fisiculturismo-morre-aos-30-anos.html>

Manchete: “Influenciadora de 23 anos morre ao passar por cirurgia para reduzir suor”

Chamada: nenhuma.

Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/07/15/influenciadora-fitness-morre-ao-passar-por-cirurgia-para-reduzir-suor.htm>

O conteúdo de algumas reportagens não define a causa mortis dos fisiculturistas ou volta-se primordialmente a determinadas especulações, tais como: problemas genéticos, incidentes após terapias ou cirurgias, mal súbito, bactéria, engasgo, “exagero” de proteínas, droga “invisível”, não atendimento à prescrição médica, câncer, etc. Mais do que informar a imprevisibilidade do que de fato ocorreu com o atleta, as coberturas jornalísticas reproduzem acriticamente a falta de explicações ou possíveis causas do óbito. Isso não somente





compromete a comunicação com o leitor, como também, a partir de Mauss (2015), ajuda a construir socialmente a ideia de morte.

Desse modo, há certo conjunto de notícias que veicula a utilização de “bombas” como um evento esperado e potencialmente constante para o falecimento de fisiculturistas. Detectou-se que as matérias jornalísticas costumam realizar um panorama das últimas mortes nesse esporte a fim de legitimar ou construir uma lógica discursiva de que a sequência de óbitos de fisiculturistas ocorre exclusivamente dos anabolizantes.

Embora, por vezes, as notícias reduzam a causa mortis por esse viés referente às “bombas”, deve-se pensar que “As condutas de risco ou as atividades físicas e esportivas, chamadas de também de risco, são formas de feitura pessoal de sentido e de sagrado” (LE BRETON, 2009, p. 86). Assim, tal dado dialoga com o apontamento de Dastur (2002) quando menciona que o “saber” da morte e a impossibilidade de negar racionalmente a própria finitude contribuem de forma decisiva na significação sobre o que o sujeito fará da própria vida, frente à sociedade e o mundo.

Desse modo, em termos gerais, quando surgem as notícias sobre a morte, a sua recepção geralmente é vista como uma “surpresa” ou um evento inesperado, pois costuma ser sempre “esquecida” ou “escondida”. Logo, o teor das reportagens pouco se sensibiliza com a agência dos sujeitos diante da morte-vida, teorizada por Le Breton (2009), assim como, a (não) racionalidade de pensar o próprio falecimento, discutido por Dastur (2002). Em outras palavras, as notícias desconsideram fundamentalmente o contexto familiar, político-legal e institucional daqueles que praticam o esporte de modo profissional.

Nessas reportagens, os aparatos tecnológicos e os aspectos legais parecem ficar secundarizados nos textos das reportagens sobre as mortes de fisiculturistas. Apreendeu-se uma espécie de silenciamento ou uma forma incipiente de aprofundamento jornalístico ao abordar sobre o tema. Consequentemente, tal postura midiática gera uma correlação ou associação direta entre o atleta de fisiculturista e uma demonização dos recursos medicamentosos. Dessa forma, argumenta-se que o jornalista (ou comunicador), ao atuar como sujeito que produz a enunciação, cria do acontecimento um novo estado de significação para o próprio fato, o que permite ao discurso jornalístico contribuir com a construção de um “estado das coisas” (RODRIGUES, 1993).

A superficialidade do tratamento jornalístico da mídia esportiva sobre determinado acontecimento tão denunciada por Betti (2001) pode afetar consideravelmente a imagem do





fisiculturismo já que coloca em xeque as possibilidades dos óbitos atrelados aos usos de anabolizantes. Assim, à luz de Le Breton (2016), pode-se afirmar que se cria um modelo de leitura social do corpo ou uma racionalidade acerca do risco que atinge a forma como as pessoas entendem esse esporte.

Em que pese a importância do conceito epidemiológico de risco no sentido técnico-científico de mensuração (BARATA, 2022), torna-se imperioso também compreender tal constructo pela sua profusão de significados (LE BRETON, 2009), evitando, assim, estereotipar essa modalidade esportiva. Para além dessa perspectiva hegemônica sobre o risco com base em parâmetros estatístico-biomédicos, destaca-se que a fabricação de “corpos fisiculturistas” no sentido de “tomar bomba” também serve como redes de pertencimento coletivo (MACHADO; FRAGA, 2022).

Outra categoria que emergiu dos dados foi aquela intitulada aqui de “Malefícios das ‘bombas’ como ‘exemplo de risco’ para praticantes comuns de atividade física” que aproxima simbolicamente as pessoas não-atletas dos atletas de fisiculturismo. Podem-se destacar as seguintes notícias nesse sentido:

Manchete: “Fisiculturista morre aos 23 anos por uso excessivo de anabolizantes”

Chamada: “Em uma publicação na rede social, o cardiologista Marco Calçada lamentou o ocorrido e ainda deixou um alerta aos outros usuários de anabolizantes.”

Disponível em: <https://www.folhavoria.com.br/esportes/noticia/09/2016/fisiculturista-morre-aos-23-anos-por-uso-excessivo-de-anabolizantes>

Manchete: “Fisiculturista morre por suspeita de uso excessivo de anabolizantes em São Paulo”

Chamada: “Mateus Ferraz tinha 23 anos e participava de campeonatos no Brasil e no exterior.”

Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2016/09/fisiculturista-morre-por-suspeita-de-uso-excessivo-de-anabolizantes-em.html>

A essência textual de algumas reportagens traz a ideia de que o praticante comum de atividade física, em especial, aquele que realiza musculação, precisa estar atento ao que ingere como recurso para aprimorar o seu desempenho dito “atlético”. Em outras palavras, determinadas coberturas jornalísticas privilegiam discursos sobre os falecimentos de fisiculturistas no sentido de “Que sirva de testemunho!” ou “Faz a família sofrer!” como uma





forma de avisar que a utilização de anabolizantes não seria um modo mais viável de cuidar do próprio corpo. Tal realidade jornalística se coaduna com a perspectiva de Machado (2020) quando afirma que a própria produção acadêmico-científica acerca do fisiculturismo calca-se eminentemente em uma “pedagogia do terror”.

Nesses casos, os óbitos de fisiculturistas servem de exemplo para aqueles que utilizam ou pensam consumir anabolizantes. Nessa direção, registra-se um processo de “desprezo” ou de “desumanização” da pessoa/corpo anabolizado do fisiculturista que após a morte ainda se torna “útil” ao público na medida em que se torna referência do que “não-fazer” corporalmente. Barbosa (2004) realiza uma importante análise da morte na mídia, identificando justamente que construções de discursos que variam da dramatização à indiferença, conforme mudam os personagens e as circunstâncias.

Além disso, vale registrar que as notícias jornalísticas raramente problematizam as condutas de (não) risco nas práticas esportivas de fisiculturistas, em especial, no sentido teorizado por Le Breton (2009), quando menciona que a abordagem simbólica ou real com a morte pode estar paradoxalmente atrelada ao gosto de viver. Dessa forma, argumenta-se que a ideia de Silva (2017) sobre “limite corporal” no que diz respeito aos usos de anabolizantes pode revelar justamente a “existência humana”. O suposto fascínio dos fisiculturistas pelo dito “perigoso” ou “letal” via medicamentos pode ser aquilo que dá sentido à vida e à identidade desses atletas.

Partindo das mortes de fisiculturistas, percebeu-se que grande parte da cobertura jornalística lembra a racionalidade biomédica como uma forma de “salvação” daqueles que realizam as suas atividades físicas cotidianas. “Check-up”, atestados médicos, exames clínicos, etc. costumam ser citados nas notícias como se fosse um artifício moral e seguro para evitar um mal súbito, em especial, para aqueles que supostamente fazem usos de “bombas”, como também detectado na pesquisa de Silva (2017). Predomina-se, portanto, a valorização do corpo pelos aspectos físico-orgânicos em detrimento dos elementos socioculturais que constituem o sujeito, como alertado há tempos por Mauss (2015).

Em algumas reportagens sobre os falecimentos de fisiculturistas, nota-se também certa polarização ou distinção entre o que é um corpo legítimo e não-legítimo dentro e fora desse esporte. A autoria das notícias costuma pontuar críticas ao corpo dito “perfeito” via “bombas” realizando uma alusão entre o que seria “belo” ou “monstruoso”. Ainda que haja a ideia de que “vivemos em uma sociedade em que se resolvem quimicamente as tensões





peçoais mediante a ingestão de medicamentos” (LE BRETON, 2009, p. 55), as notícias ignoram ou quase não ponderam sobre a própria diversidade da construção sócio-histórica da beleza e os recursos para atingir determinado físico, conforme discutido por Vigarello (2006).

Por fim, cabe compreender analiticamente a categoria “Culpabilização pela fatalidade e suposta negligência do fisiculturista usuário de anabolizantes” que trata sobre a responsabilidade individual do atleta no que diz respeito aos usos do corpo no esporte. As reportagens abaixo ilustram esse modo de construir socialmente as mortes dos fisiculturistas:

Manchete: “Fisiculturista morre após sofrer rompimento de artéria; especialistas suspeitam de uso de anabolizante”

Chamada: “Polícia abriu inquérito para apurar a morte do rapaz de apenas 19 anos. Autópsia constatou que o tamanho dos órgãos era acima do normal.”

Disponível em:

<https://www.ibahia.com/esportes/noticia/fisiculturista-morre-apos-sofrer-rompimento-de-arteria-especialistas-suspeitam-de-uso-de-anabolizante>

Manchete: “Nasser El Sonbaty, el fisicoculturista intelectual que reveló el lado más oscuro de la disciplina”

Chamada: “El uso de esteroides en el deporte y la manipulación del resultado en las competencias. El alemán fue víctima de una carrera llena de estafas. Tenía todo para ser el mejor, pero su intelecto le jugó en contra.”

Disponível em: <https://www.infobae.com/america/deportes/2017/09/17/nasser-el-sonbaty-el-fisicoculturista-intelectual-que-revelo-el-lado-mas-oscuro-de-la-disciplina/>

Nas reportagens, destaca-se que raramente há um processo de heroicização referente à morte do fisiculturista. A ideia de “Descansou como um guerreiro!” pouco emerge nos textos jornalísticos quando comparada à produção moral sobre os atletas nas seguintes perspectivas: “Viciados/drogados”; “Pagaram pelo que fizeram!”; “Iludidos pelos astros!”; “Nada choca os atletas!”, etc. Essas formas de veiculações midiáticas sobre as mortes de fisiculturistas reiteram a seguinte perspectiva:

A morte como acontecimento jornalístico será sempre uma representação que se constrói essencialmente no outro, sobretudo, na experiência do outro. Contudo, é na ruptura que a ausência do outro provoca no cotidiano dos sobreviventes que se elaboram as significações “por extensão” ao acontecimento da morte. Estas significações dão conta daquilo que se esconde, se nega, porque se teme (CRUZ, 2008, p. 157).





Destarte, essa enunciação midiática sobre uma suposta overdose de determinados produtos perpassa discursivamente as reportagens afetando o grupo de atletas que participam desse esporte. Logo, destaca-se que se a utilização de anabolizantes costuma ser um tabu em espaços formativos/educativos que deveriam debater esse tema (MACHADO; FRAGA, 2020), a própria morte se encontra em um lugar de tensão ou de evitamento na trama social (RODRIGUES, 2017). Por isso, urge a necessidade de dirigir a percepção para as narrativas jornalísticas, como discursos sobre e para a sociedade, que recriam narrativas que tanto desejam falar da sociedade como se constituir enquanto saber acerca de dado grupo social (RESENDE, 2006).

Nesse contexto, sugere-se que não há um silêncio ou tabu especificamente sobre as mortes de fisiculturistas nas veiculações midiáticas. Grande parte da cobertura jornalística explícita (in)diretamente a culpa do óbito se estabeleceu a partir do que o atleta fez com o próprio corpo no que diz respeito aos usos ou abusos dos anabolizantes. Cria-se, assim, uma forma de educação sociocultural do corpo em que regula o caráter coletivo de ideias que cerca à morte (MAUSS, 2015).

Nessa direção, as notícias sugerem o que seria uma “morte justa” na medida em que o fato do falecimento não costuma ser abordado como um evento irruptivo ou inesperado, o que fatalmente acaba sendo uma consequência de uma “transgressão de regras” pelo atleta. Tal narrativa representa a morte como “justa” daquele que transgride, ou que promove a violência (no caso dos fisiculturistas, uma chamada “violência consigo mesmo”). Nesse caso, as coberturas jornalísticas buscam convencer os leitores como admissível a morte para estranhos, inimigos, ou “pessoas do mal”, como destinando-os a ela de forma primitiva, já classicamente teorizado por Freud (1996). Dessa maneira, este “poder do social” sobre o indivíduo encontra seu espaço legitimado nas tramas do cotidiano, em que a vida é o preço a ser pago pelo transgressor. Assim, questiona-se o que seria uma “transgressão de regras” em um esporte como o fisiculturismo já envolto pela clandestinidade em suas práticas cotidianas (MACHADO, 2020).

Assim, os óbitos de fisiculturistas nas coberturas jornalísticas assumem a perspectiva de culpabilizar mais o atleta/indivíduo do que o grupo social que faz parte desse esporte. Em outras palavras, as notícias desconsideram fundamentalmente o contexto familiar, político-legal, institucional e profissional daqueles que praticam o esporte de modo profissional. Dessa maneira, ratifica-se a premissa do ato ilocutório de Rodrigues (1993) ao





mencionar que a apresentação da morte como construto do acontecimento jornalístico possibilita uma nova perspectiva ao fato observado através da formulação, adequação e subjetividades do enunciador, do endereçamento e da reciprocidade dos interlocutores.

Em suma, a partir das categorias supracitadas, pode-se verificar a urgência de questionar e desnaturalizar alguns elementos importantes presentes nessas notícias sobre as mortes de fisiculturistas, sobretudo questões que levaram tal situação a um patamar de acontecimento jornalístico: a circunstância do falecimento, o papel social do falecido e, por fim, uma demanda da própria sociedade. Notou-se que, ao mesmo tempo em que coberturas jornalísticas sobre os óbitos dos fisiculturistas idealizam um “tipo ideal atlético de viver”, pouco revelam que “o risco é uma noção socialmente construída, eminentemente variável de um lugar para outro e de uma época para outra” (LE BRETON, 2009, p. 9).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos gerais, foi possível apreender como alguns meios de comunicação da mídia anunciam especialmente o falecimento de fisiculturistas. Em síntese, as reportagens sugerem ou retratam superficialmente as causas das mortes dos fisiculturistas colocando em xeque se houve a utilização indevida ou exacerbada de anabolizantes. As notícias também realizam uma espécie de aviso àqueles praticantes de atividades físicas a partir de supostas más condutas de fisiculturistas no que diz respeito ao consumo de anabolizantes. Registra-se também que as enunciações midiáticas acabam majoritariamente culpabilizando os atletas mortos por terem utilizado as supostas “bombas”.

Notou-se que a abordagem jornalística sobre o “morrer” desses atletas indica um tipo ideal de “viver” já que produz discursivamente uma forma “digna” de viver, perdendo de vista as lógicas culturais relativas à preparação dos atletas, sobretudo, no que diz respeito à utilização de anabolizantes. Ademais, a exploração da cobertura dos jornais e revistas online sobre os óbitos de fisiculturistas acabam sugerindo alguns modos de como a sociedade em geral deve enxergar esse esporte, por vezes, com certos preconceitos, discriminações ou estigmas. Além disso, ficou evidente nas notícias como esses atletas, ainda que mortos, conseguem inquietar ou demover formas de “ser corpo” na medida em que fogem, a princípio, de determinadas normas de beleza ou de saúde.

Em que pesem as limitações do presente estudo no que diz respeito à captação das reportagens por um buscador online que contém limites na apresentação dos resultados,





ratifica-se a urgência de cada vez mais estudos qualitativos que se debruçam sobre a morte (súbita) no esporte (de alto rendimento) a partir das inúmeras veiculações midiáticas. Recomendam-se, portanto, o investimento de empreendimentos investigativos sobre os aspectos simbólicos que atravessam as coberturas jornalísticas acerca de outros atletas de distintas modalidades esportivas.

À guisa de fechamento, afirma-se aqui que se os "corpos fortes" dos fisiculturistas no contexto midiático estimulam a pensar que tipos de físicos são mais ou menos legítimos dentro e fora do esporte, as enunciações sobre "corpos mortos" fornece um rico campo de análise para discussões sobre as potencialidades e os limites das práticas bioascéticas na contemporaneidade. Assim, em outras palavras, o presente trabalho acaba extrapolando a própria problematização sobre como as coberturas jornalísticas abordam a morte de fisiculturistas ao revelar quais "tipos de corpos" e "recursos" para/no corpo são permitidos ou que assumem determinado prestígio socialmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sersie Lessa Antunes Costa e colaboradores. Morte súbita em atletas: causas cardíacas. **Brazilian journal of health review**, v. 4, n. 2, p. 4592-4600, 2021.

BARBOSA, Marialva. A morte imaginada. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS, 13. **Anais...** São Paulo: Umesp, 2004.

BARATA, Rita Barradas. Sobre o conceito de risco em epidemiologia. **Trabalho, educação e saúde**, v. 20, e00862198, 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.

BETTI, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, n. 17, p. 1-3, 2001.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutemberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean e colaboradores. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CRUZ, Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira. Morro, logo existo: a morte como acontecimento jornalístico. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 5, n. 1, p. 149–159, 2008.

DASTUR, Françoise. **A morte**: ensaio sobre a finitude. Rio de Janeiro: Difel, 2002.





DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre, RJ: Artmed, 2006.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2004.

FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte: In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LE BRETON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

LE BRETON, David. **La sociologie du corps**. Paris, France: Puf, 2016.

MACHADO, Eduardo Pinto. **"Segue o plano!": a relação de autoridade/obediência entre coach e pupilo no processo de construção corporal do fisiculturista**. 2020. 212f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2020.

MACHADO, Eduardo Pinto; FRAGA, Alex Branco. Anabolizantes na graduação em educação física: um dilema ético-sanitário entre estudantes que praticam fisiculturismo. **Journal of physical education**, v. 31, e3166, 2020.

_____. A academia de musculação e a aprendizagem sobre anabolizantes: primeiros passos do processo de autoformação de fisiculturistas. In: SILVA, Alan Camargo. **Corpo e práticas corporais em academias de ginástica**. Curitiba, PR: Bagai, 2022.

MALLMANN, Lucas Borba; ALVES, Fernanda Donner. Avaliação do consumo alimentar de fisiculturistas em período fora de competição. **Revista brasileira de nutrição esportiva**, v. 12, n. 70, p. 204-212, 2018.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2015.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva. **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2006.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa, Portugal: Vega, 1993.





RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017.

SCHWANDT, Thomas. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

SILVA, Alan Camargo. **Corpos no limite: suplementos alimentares e anabolizantes em academias de ginástica**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.

SILVA, Elisa Martins da; RABELO, Ivan; RUBIO, Katia. A dor entre atletas de alto rendimento. **Revista brasileira de psicologia do esporte**, v. 3, n. 1, p. 79-97, 2010.

SILVA, Érica Quinaglia. Ideário da morte no Ocidente: a bioética em uma perspectiva antropológica crítica. **Revista bioética**, v. 27, n. 1, p. 38-45, 2019.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VIANA, Danielle Freire Wiltshire; MEZZAROBBA, Cristiano. O esporte de alto rendimento faz mal à saúde? Uma análise das atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica. **Motrivência**, v. 25, n. 41, p. 190-205, 2013.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WASFY, Meagan; HUTTER, Adolph; WEINER, Rory. Sudden cardiac death in athletes. **Methodist debakey cardiovascular journal**, v. 12, n. 2, p. 76-80, 2016.

Dados do primeiro autor:

Email: eduardo.machado@ufrgs.br

Endereço: Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico, Porto Alegre, RS. CEP: 90690-200, Brasil.

Recebido em: 14/10/2022

Aprovado em: 29/12/2022

Como citar este artigo:

MACHADO, Eduardo Pinto; SILVA, Alan Camargo. Do palco ao túmulo: compreensões sobre mortes de fisiculturistas em coberturas jornalísticas. **Corpoconsciência**, v. 27, e.14512, p. 1-17, 2023.

